

A árvore de Abraão ensangüentada

Por: Maria Clara Bingemer

A humanidade em pânico com a violência que a vem ameaçando em ritmo crescente foi surpreendida novamente. Helicópteros israelenses atacaram e mataram o xeque Ahmed Yassin em Gaza. Como resposta, o grupo radical palestino Hamas jurou de morte o primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon.

No fim da semana, por outro lado, a mídia noticiou que a escalada de violência só faz aumentar, desta vez atingindo requintes raramente vistos. Soldados israelenses impediram que um menino-bomba palestino detonasse os explosivos que levava junto ao corpo no posto de controle de Hawara, na entrada de Nablus, na Cisjordânia. Foi o segundo caso em poucos dias de bombas encontradas em posse de menores palestinos.

Já no dia 15 passado, um outro incidente envolvendo um menino palestino de 12 anos ocorreu no mesmo posto de Hawara. O adolescente levava uma mochila cheia de explosivos e tentou passar pelo posto de controle. Os militares, depois de interrogarem-no, chegaram à conclusão de que ele não sabia que levava a carga mortal e o deixaram partir. O envolvimento de crianças e adolescentes nos atentados suicidas e assassinatos neste já tão sofrido e ensangüentado solo semita nos faz suspeitar que estamos caminhando céleres para uma loucura auto-destrutiva que pode ter conseqüências realmente macro-letais. As organizações de direitos humanos se pronunciam, a Anistia Internacional declara que "utilizar crianças para levar a cabo ou ajudar em ataques armados de qualquer tipo é uma abominação".

No entanto, a tensão parece só crescer. E o líder do comitê central do Hamas, Khaled Mashaal, declara que sua mensagem a Sharon é que "sangue gera sangue e as flechas da traição serão enviadas de volta à sua garganta". A árvore abraâmica, da qual surgiram as três religiões monoteístas - judaísmo, cristianismo e islamismo - sangra em inestancável hemorragia. E as incontáveis vidas humanas sacrificadas nesse combate infrutífero e sem trégua espalham sofrimento, revolta e morte em torno de si.

Entre as vozes que se levantam para denunciar e lamentar a situação vivida no Oriente Médio está a de João Paulo II. Tendo feito na passagem do milênio um público pedido de perdão por todas as violências cometidas - consciente ou inconscientemente - pela Igreja e seus fiéis, o Papa agora pede paz com voz pungente. Na festa da Anunciação, celebrada no dia 25 de março, João Paulo II lamenta "tanto sangue derramado em muitas regiões do planeta". E declara "ser urgente a necessidade de homens que abram os corações a um esforço valente de recíproca compreensão. Cada vez se faz mais intensa a sede de justiça e paz em todas as partes da terra".

Tal como o Papa e tantas pessoas no mundo inteiro, sedentos de paz, clamamos por um novo Gandhi, um novo Luther King, um novo líder com autoridade e coragem, que não tema expor sua vida para que a paz possa ser construída, para que o perdão supere o ódio e a vingança dê lugar à reconciliação. Somente uma progressiva e consistente conduta de não violência, de denúncia da violência e de construção de dinâmicas de paz poderá devolver à humanidade a crença em si mesma e em sua dignidade. Tal como disse o cardeal Antonio Maria Rouco Varela, arcebispo de Madri, na missa pelas vítimas dos atentados de 11 de março, "é preciso que a violência do ódio dê lugar à força fascinante do amor".

Desse amor que vence a violência pela força do amor, as religiões abraâmicas têm uma longa e bela experiência. Assim é que, se nelas encontramos aqueles que legitimam a defesa de seus interesses por meio da violência, também encontramos aqueles e aquelas que, de todo coração, estão dispostos a qualquer sacrifício para fazer valer a verdade da mensagem originária do Deus Único, tal como foi revelada a Abraão, a Isaac e a Jacó. E esta não é a mensagem da guerra e do ódio. Mas da igualdade, da solidariedade, da liberdade e da paz, em suma, da Shalom, da paz na terra para todos os seres humanos.